



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Janeiro de 2023

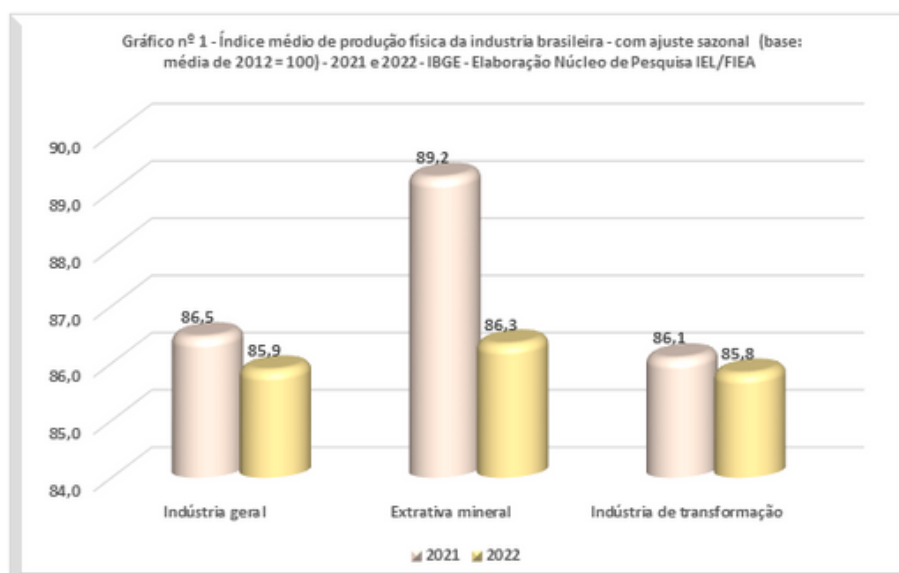
Indústria Brasileira em 2022

A indústria brasileira fechou o ano de 2022 com retração de -0,7% em relação a 2021. O mesmo acontecendo com a indústria de transformação e extrativa mineral com -0,3% e -3,3%, respectivamente (ver gráfico nº1). Do ponto de vista da indústria por categoria de uso final, quando não houve retração o crescimento foi nulo em 2022. No primeiro caso estão as indústrias de bens de consumo duráveis com queda de -3,3%, bens intermediários com -0,7% e de capital com -0,2%. Bens de consumo seme e não-duráveis, por sua vez, apresentou crescimento próximo a zero. Ao longo de todo o ano passado, a indústria brasileira vinha apresentando dificuldade de sustentar uma dinâmica de crescimento por razões sobejamente discutidas no Panorama Conjuntural FIEA, além das restrições na oferta de insumo importados.

A primeira delas tem a ver com a inflação, que mesmo cadente, continuou tirando poder de compra das famílias. A segunda razão está diretamente associada ao aumento da taxa de juros, tanto para as famílias como para as empresas. No primeiro caso, de janeiro de 2021 a dezembro de 2022, as taxas médias de juros aumentaram de 25% para 35% e no caso das pessoas jurídicas de 13% para 20%. A elevação dos juros se traduziu no crescente endividamento das famílias brasileiras em relação a renda acumulada nos últimos doze meses, que saltou do patamar de 42% no início de 2021 para 50% em novembro de 2022.

A combinação de inflação resiliente com juros altos, no caso da indústria, mais do que compensou os estímulos decorrentes das medidas anticíclicas adotadas pelo governo, como liberação de FGTS, aumento do auxílio Brasil e redução da tributação de combustíveis. Dado o elevado nível de endividamento das famílias e a perspectiva de manutenção da taxa básica de juros acima de 13% em boa parte de 2023, continua sendo imperativo um rápido programa de renegociação financeira para destravar o crédito e, desse modo, o crescimento da indústria. Ante este contexto, a indústria começa a apresentar maior cautela em suas expectativas, notadamente da análise das condições atuais.

De acordo com a CNI, “Em fevereiro de 2023, o ICEI aumentou na maioria dos setores da indústria, em todas as regiões do Brasil e em todos os portes de empresa. A maioria dos setores industriais voltou a demonstrar confiança, após um mês de janeiro em que a falta de confiança havia sido predominante. A recuperação da confiança é resultado do maior otimismo com relação aos próximos seis meses. Por outro lado, a avaliação das condições atuais segue negativa e continua se deteriorando na maior parte da indústria”.



Banco Central mantém Selic em 13,75%aa

O IPCA no acumulado de doze meses parece ter se estabilizado em uma taxa próxima a 5,8% interrompendo a desaceleração observado desde julho de 2022. Tal estabilidade também está ocorrendo com a inflação implícita no patamar de 6,6%, desde o final de janeiro de 2023. A mediana do mercado financeiro para a inflação esperada nos próximos doze meses, pesquisa FOCUS/BCB, apresentou aumento na expectativa da inflação passando de 5,5 para 5,8%. Estes dados sinalizam tanto resiliência em razão do componente inercial da inflação como de desancoragem das expectativas do mercado financeiro.

A resistência do IPCA para convergir ao centro da meta de inflação, que este ano é de 3,25%, continua desafiando a política de juros altos do BCB. Apesar de ter a taxa básica real de juros mais alta do mundo, no patamar de 7,5%aa., as expectativas de inflação começam a se distanciar da meta de 3% nos próximos anos, ou seja, 4% em 2024, 3,8% em 2025 e 3,75 em 2026. O Banco Central insiste que a melhor estratégia é continuar com os juros a 13,75%aa até que a inflação convirja para meta e as expectativas voltem a ser ancoradas.

A principal preocupação da Autoridade Monetária continua sendo as mudanças no arcabouço fiscal e seus reflexos na relação dívida/PIB no tempo. De acordo com a Ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), “Do ponto de vista de riscos domésticos, no tema fiscal, há dois conjuntos de riscos que se interseccionam. Em primeiro lugar, a revisão do arcabouço fiscal diminui a visibilidade sobre as contas públicas para os próximos anos e introduz prêmios nos preços de ativos e impacta as expectativas de inflação. Em segundo lugar, no que tange aos estímulos fiscais, o Copom seguirá acompanhando seus impactos sobre atividade e inflação e reforça que, em ambiente de hiato do produto reduzido, os impactos sobre a inflação tendem a se sobrepor aos impactos almejados sobre a atividade”.

O risco de tal política de juros também precisa ser explicitado. Além de seus efeitos limitados para estabilizar a inflação, tende a aumentar a relação dívida/PIB uma vez que a taxa de juros está acima da taxa de crescimento do produto. Em 2022, dos pagamentos efetivos realizados pelo Governo Federal 44,6% foram destinados ao serviço da dívida pública e 1% para investimentos. Juros altos também diminui o potencial de crescimento da economia com o passar do tempo e, conseqüentemente, a produção de bens e serviços. Assim, quando o BCB descreve um “ambiente de hiato produto reduzido” não significa que a demanda da economia está aquecida, mas, no contexto atual, que a oferta está restringida. Neste caso, a saída é investimento público e privado em infraestrutura física, social e tecnológica para alavancar o crescimento e a geração de emprego da economia brasileira.

A produção industrial brasileira em Dezembro de 2022

A indústria brasileira em dezembro de 2022 registrou estagnação na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 1,3%, resultado bem abaixo da taxa observada em novembro quando obteve aumento de 0,9% (na mesma métrica). De acordo com levantamento realizado pelo IEDI1, desmembrando a indústria em noventa e três segmentos, mostra que houve uma reversão de quadro entre 2021 e 2022. O número de segmentos em crescimento no acumulado de jan-dez representou 61,3% do total em 2021, parcela que recuou para 31,2% em 2022. Em contrapartida, o peso dos segmentos em declínio saltou de 38,7% para 68,8%, respectivamente.”

Ainda segundo o IEDI, “A utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, recuou pelo quinto mês consecutivo (-0,2 ponto percentual) na passagem de nov/22 (79,8%) para dez/22, quando registrou valor de 79,6%, o menor patamar desde jun/21. No primeiro mês de 2023, o indicador segue em declínio, fechando o mês em 78,8%. De acordo com os dados da CNI, a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação caiu de 80,0% em nov/22 para 79,4% em dez/22, dados com ajuste sazonal.”

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,0	-1,3	-0,7	-0,7
Bens de capital	1,8	0,9	-0,3	-0,3
Bens Intermediários	-2,1	-2,6	-0,7	-0,7
Bens de consumo	2,2	1,4	-0,8	-0,8
Bens de consumo duráveis	4,1	-5,8	-3,3	-3,3
Semiduráveis e não duráveis	3,2	3,1	-0,2	-0,2

Fonte: IBGE

INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS – FIEA**

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga VilasBoas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

COORDENADORA

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Consultora GI

Morgana Maria Machado Moura

Estagiários

Alexandre Freire de Albuquerque Alves

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira



Contato
(82) 2121-3085
(Eliana Sá)

Janeiro de 2023